

ficha técnica

PROPRIEDADE
Movimento da Escola Moderna

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Açúcar, 22-B
1950-008 Lisboa
Tel. 218 680 359
e-mail: mem@mail.telepac.pt

DIRETOR
Sérgio Niza

COORDENAÇÃO
Francisco Marcelino Pereira
Filomena Serralha

REDAÇÃO
Clara Felgueiras
Graça Vilhena
Inácia Santana
Ivone Niza
Joaquim Segura
Júlia Soares
Júlio Pires
Manuela Castro Neves
Pascal Paulus

DESIGN GRÁFICO
Fernando Felgueiras

PAGINAÇÃO
Jorge Belo

IMPRESSÃO
Estúdio Gráfico 21 – Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 1750 Exemplares
Periodicidade: 3 números por ano
Depósito Legal 107 975/81

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os trabalhos publicados na ESCOLA MODERNA podem, em princípio, ser transcritos noutras publicações desde que se indique a sua origem e autoria. No entanto, é preciso um pedido de autorização para cada caso.

sumário

	3	
Editorial		<i>Sérgio Niza</i>
	5	
A Praia: de um Projecto de estudo à intervenção		<i>Maria Botelho de Almeida</i>
	12	
Contributos da prática de Conselho de Cooperação Educativa para o desenvolvimento sociomoral dos alunos		<i>Marta Louseiro</i>
	41	
Trabalho de Aprendizagem Curricular por Projetos Cooperativos		<i>Isa Gomes</i>
	55	
Parcerias de trabalho entre alunos: um percurso de instituição de uma comunidade de aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa		<i>Elsa Marques</i>
	64	
À procura de Bruner! No processo formativo com um grupo de formação EFA B2		<i>Mário Mendes</i>
	75	
O compromisso social e associativo na construção da profissão docente		<i>Francisco Valadão</i>
	86	
Os professores neófitos e os desafios profissionais: Estudo exploratório da cooperação profissional como fator da profissionalidade docente		<i>Sílvia José Sampaio Pinto das Neves</i>

Editorial

Sérgio Niza

“Enquanto for ainda capaz de me encantar”

É assim que Manuela Castro Neves fecha o seu livro mais recente.¹

Refere-se à consideração que faz sobre os limites da sua capacidade para continuar a manter uma relação educativa com exigência ética, na profissão docente.

Dir-se-ia que é essa uma condição indispensável para conter o poder desmedido de quem se oferece como intermediário para a aprendizagem dos outros.

Escolheu para título do livro *Não os desiludidas: Histórias da escola*. Poderia chamar-se, em boa verdade, “não os desiludidas com o teu desencanto”, que é também uma expressão sua. Roubar-lhe-ia, porém, o efeito suspensivo com que a advertência nos cativa. A Manuela tornou-se, decididamente, uma escritora.

No livro anterior, *Da vida na escola*, reuniu um conjunto de crónicas ou de memórias sobre alunos e situações de vida que aconteceram nas escolas e nas suas turmas, quando nelas fora professora. Foi, então, um testemunho de protesto emocionado e de partida. E também uma forma de permanecer, de continuar para sempre ou para quase sempre, milagre que a escrita permite operar, vencendo o tempo, projectando a voz, transpondo o limite, o termo de um caminho feito futuro possível e partilhado.

Este novo livro, aparentemente idêntico, prende-nos como o outro, mas foi arquitetado com maior intencionalidade pedagógica e assume-se mais desassombadamente adentro de um padrão de referência para a acção, um

modelo cultural de trabalho de educação, o do Movimento da Escola Moderna portuguesa.

Dedica-o especialmente aos professores que estão a entrar na profissão. Perfila-se assim como pedagoga, que é aquilo em que a Manuela, em boa hora, se tornou.

Propõe-nos um conjunto de trinta a sete textos, é ela que o descreve: “Pela maioria dos quais perpassam as problemáticas que estiveram no centro das minhas preocupações, enquanto profissional, nomeadamente: a relação professor/aluno; o papel da expectativa de pais e escola no sucesso educativo das crianças; a comunicação entre a escola e os meios familiares de baixa literacia; o papel do sentido e da organização das práticas pedagógicas na construção das aprendizagens curriculares; a atitude face à avaliação dos desempenhos das crianças.”

Há ainda outros que sobretudo nos devolvem um modo diverso de olhar as crianças, desvendando nelas toda a força da sua humanidade a afirmar-se. Só porque a sua professora, acreditando nelas e devolvendo-lhes a voz, a que têm direito, as faz crescer para o conhecimento e para a cidadania.

O livro é um repositório de afectos e de experiência de vida na profissão docente, servida por um trabalho de escrita naturalizado, para nos cativar para esse espaço povoado de mitificações e silêncios que é a sala de aula.

Fala-se a partir da vida que nela acontece. Testemunha-se o empenho, a emoção e a natureza dos problemas reais, com respeito des-

vendados. Faz-nos confrontar com a mestria do ofício e as fragilidades da humana desmesura dos desafios de qualquer professor com os dilemas éticos com que se confronta, foco central da responsabilidade social da profissão que aqui se expõe.

O mais proveitoso de ver no conjunto de relatos da Manuela é como numa sala de aula está contido o mundo todo, como nela se espelha a vida. Essa permeabilidade assumida rompe com os estereótipos e os preconceitos e faz-nos descobrir essa escola outra, ainda possível, a que a Manuela, solidariamente conosco, foi e vai construindo.

Uma das componentes narrativas que mais nos prende é a da vivacidade como trata algumas das tensões expressas na relação entre alunos e a professora. Fá-lo, a professora, por imperativo ético e a manifestação do seu respeito, desencadeia, então, nova dinâmica na apropriação do conhecimento ou das competências sociais que da escola se espera.

É o caso da oposição manifestada por alguns alunos à forma de organização social das aprendizagens que a Manuela por vezes lhes propõe a romper com o ensino simultâneo. Eles conservadores da cultura da escola e da sua condição de alunos, tal como a escola tradicionalmente as vive e veicula (a *gramática da escola*), e a professora a desafiá-los para um outro padrão de cultura do trabalho de aprendizagem. Os procedimentos de negociação, para fazerem avançar a actividade pedagógica, que a Manuela nos mostra no movimento da sua escrita, desafiam-nos a participar nessas

situações exemplares de saber fazer em pedagogia.

Não percam, por isso, o Chico ou a história daquela turma de meninos a iniciarem-se na escrita, impondo à professora os seus estereótipos sociais sobre o que é preciso fazer para aprender a ler, em *Mas afinal...* Ou ainda em *Primeiro dia de aulas*, texto de primorosa inteligência profissional que se oferece como título do livro, como por advertência *Agora vê lá, não os desiludas!*

E fico por aqui a nomeá-las. É a vossa vez de entrarem no livro e porem-se a falar dele.

Estas histórias dizem-nos sempre da profissionalidade docente da Manuela Castro Neves e também de nós. E é o modo como o diz e a elevada arte da pedagogia que desenvolve que mais lhe invejamos.

Lendo-a, os jovens professores e os menos jovens submetem-se a essa sedução avassaladora, que quererão, como ela, experimentar em tão arriscado labor. O que sobre o seu trabalho nos deixa ver esta cativante escrita é fonte ora de exaltação ora de espanto.

Como é possível, com tão aparente simplicidade, expor a profissão como se de um complexo órgão de luzes se tratasse. Mas é essa afinal a força da metamorfose. O tornar-se uma professora numa pedagoga, isto é, numa Fénix sonhada. Alguém que pela escrita resista à precariedade do tempo da escola e assim assegure a perenidade que só a escrita promete.

Aqui temos em *Não os desiludas* mais um contributo sério e amável da nossa Manuela para sempre.

¹ Castro Neves, M. (2011), *Não os desiludas: Histórias da escola*. Lisboa: Livros Horizonte.